



*BOLETIM
ECONÔMICO*
NUPE - UNIFOR

Vol. 2, N. 1, maio/2021



**Universidade
de Fortaleza**



BOLETIM ECONÔMICO **NUPE - UNIFOR**

Vol. 2, N. 1, maio/2021

Reitoria

Reitora Fátima Maria Fernandes Veras

Vice-reitoria de Graduação

Henrique Luis do Carmo e Sá

Profa. Danielle Coimbra

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e
Gestão - CCG UNIFOR

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Allisson Martins

Coordenador Curso de Economia UNIFOR / Núcleo de
Pesquisas Econômicas - UNIFOR

Prof. Francisco Alberto Oliveira

Curso de Economia UNIFOR / Coordenador do Núcleo
de Pesquisas Econômicas - UNIFOR

Prof. Maurício Rodrigues

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Nicolino Trompieri

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Ricardo Eleutério

Curso de Economia UNIFOR / Professor

EDIÇÃO

Prof. Wagner Borges

Curso de Jornalismo UNIFOR

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Aldeci Tomaz

Curso de Jornalismo UNIFOR



APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza - Unifor, na sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção do conhecimento”, reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, avança mais uma etapa, na seara de estudos econômicos, ao estruturar documento econômico fundamentado em bases científicas sólidas e robustas.

O Núcleo de Pesquisas Econômicas – Nupe, vinculado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, tem a satisfação de apresentar à sociedade cearense mais um número do Boletim Econômico, publicação que analisa o desempenho das economias, no mundo e brasileira, e em especial do Ceará. O Boletim Econômico Nupe é elaborado pelos alunos da disciplina Técnicas em Pesquisas Econômicas, com a orientação e supervisão dos professores do Núcleo de Pesquisas Econômicas – Nupe. Nosso boletim oferece à sociedade cearense, por meio de uma linguagem simples e acessível, informações que contribuem para um maior entendimento da situação presente e das perspectivas da economia para os próximos anos, e, dessa forma, colabora para a formação de uma sociedade reflexiva e de senso crítico, capaz de promover as transformações econômicas e sociais necessárias para a tão almejada arrancada do processo de desenvolvimento econômico do nosso País.

Essa 13ª edição dá início ao ano 2 do Boletim Econômico e traz, na secção de abertura, um artigo deveras relevante e de suma importância para gestão empresarial, que trata do planejamento tributário e de como este pode ser utilizado para melhorar a performance financeira e dos negócios das empresas; de autoria da coordenadora do curso de Ciências Contábeis da UNIFOR, Professora, Doutora em Administração e Controladoria pela UFC, Alexandra Alencar Siebra; sob o título “PLANEJAMENTO TRIBUTÁRIO COMO ESTRATÉGIA. SERÁ QUE É PRECISO TER “MEDO” DA TRIBUTAÇÃO?” Na sequência dessa edição, o leitor encontrará: um panorama sobre a economia mundial; o resultado das atividades econômicas do Brasil, Nordeste e Ceará, detalhado por setores de produção da economia; a performance do mercado de trabalho; e a balança de comércio exterior do Ceará, Nordeste e Brasil. No último tópico, destaque para a evolução das ações cearenses medida pelo Índice de Ações Cearenses – IAC do Núcleo de Pesquisas Econômicas da UNIFOR.

Boa Leitura!

OPINIÃO:

Planejamento tributário como estratégia. Será que é preciso ter “medo” da tributação?

Alexandra Siebra^{1*}

Eu diria que sim e não! Nem todos conseguem ter a dimensão do impacto que um bom planejamento tributário causa nas decisões corporativas. No entanto, ao afirmar que sim, destaco que a falta de conhecimento sobre a tributação, relacionada aos negócios de todas as empresas, pode ter um efeito danoso após a tomada da decisão. Mas também reconheço que não se deve ter medo, na medida que se percebe a importância de um planejamento tributário, que pode se configurar não apenas como uma excelente estratégia para se consolidar no mercado, mas também como uma forma de alavancar os resultados pretendidos.

É inegável que a tributação desempenha um papel fundamental na vida das pessoas e das empresas. O senso comum repousa no fato de que é por intermédio da cobrança dos tributos que são financiadas as despesas públicas. A necessidade de arrecadação dos tributos não é de hoje, pois, desde o antigo Egito, já se tem registros das primeiras referências relacionadas aos mesmos. E era, já nessa época, a classe trabalhadora, composta de artesãos, comerciantes e camponeses, que, em sua maioria, pagava os impostos.

Se realmente “Nada é certo neste mundo, a não ser a morte e os impostos”, frase popularizada por Benjamin Franklin (1789), e dessa realidade imposta não se pode fugir, existe motivo para ter medo dos tributos? Para responder essa pergunta pode-se pedir ajuda à Platão que na alegoria da caverna afirmou que o homem só teme aquilo que desconhece. Então, talvez o medo relacionado ao tributo decorra da não compreensão de suas finalidades, que além da mais conhecida, que é a de arrecadação, tem uma finalidade, por intermédio dos tributos, de estimular ou desestimular certos comportamentos sociais.

As estratégias adotadas pelo Estado podem ter finalidades diversas, como a utilizada pelo Império Romano, considerado um dos primeiros exemplos conhecidos do uso eficiente dos tributos recolhidos. Investia parte do valor arrecadado no fortalecimento de seus exércitos com o intuito de conquistar mais terras. Portanto, é fundamental compreender não só como o Estado arrecada, mas também como estimula ou desestimula alguns comportamentos, utilizando do seu poder de aumentar ou reduzir o tributo, para induzir um efeito pretendido.

Ao tornar a carga tributária mais pesada em um bem ou serviço específico, o Estado acaba por promover a diminuição do consumo de alguns setores. Além disso, influencia tanto o interesse de futuros investimentos em tais bens e serviços quanto o comportamento da sociedade. Um exemplo desse fenômeno se percebe na alta tributação na comercialização do cigarro, que é justificada não para controlar um comportamento, mas principalmente para financiar o sistema de saúde, que poderá receber futuramente os fumantes de hoje. Diante de tal contexto, é preciso entender a lógica por trás do objetivo da cobrança dos impostos e, promover a cidadania fiscal, compreendida como um importante instrumento de conscientização da sociedade sobre os seus direitos e deveres fiscais.

A força coercitiva utilizada na cobrança do tributo nos leva a questionar a justiça do sistema tributário brasileiro perante a “elevada” carga tributária. Talvez a maior complexidade está no fato de que não se é possível identificar, claramente, o impacto do tributo no que tange ao grau econômico individual e à capacidade contributiva de pessoas físicas ou jurídicas. Independente do porte de uma empresa, uma preocupação é certa, o tributo afetará o desempenho da atividade operacional e, portanto, é fundamental identificar como o tributo poderá impactar na performance econômica e financeira de cada modalidade de negócio.

1 * Professora da UNIFOR.

Pode ser que o empreendedor não saiba a finalidade do tributo, mas ao planejar a abertura de um negócio a questão que emerge é: Vale a pena o esforço de empreender com tamanha carga tributária? Em ambientes de alta complexidade, é preciso se questionar como pode ser possível garantir a continuidade dos negócios no longo prazo, obtendo uma margem de lucro satisfatória, estando em conformidade tributária.

Realmente não é nada simples, pois em cada pergunta existe um universo de informações diferentes que demandam a revisão do planejamento tributário das empresas de forma sistemática. O conceito “Pensar Global e Agir local”, no que se refere às discussões tributárias, tem um peso relevante, pois as estratégias das empresas necessitam identificar as janelas de oportunidades que, muitas vezes, uma legislação local pode oferecer.

Muito são os fatores que se deve levar em consideração no momento de planejar os custos para atingir sua conformidade tributária. As empresas devem considerar o desenvolvimento e implementação de estratégias diversas que podem resultar na redução do passivo tributário de suas atividades. Dada a complexidade e variação das leis tributárias de uma região para outra, esse pode ser geralmente um processo demorado e complicado. Contudo, quando executado de forma precisa, pode oferecer benefícios significativos para a organização, como a redução de alíquota tributária efetiva ao se usar medidas não comumente conhecidas ou divulgadas.

Nem sempre os prazos para se estar em conformidade são compatíveis com a realidade da maioria das empresas, e é preciso solicitar uma dilação do prazo de forma justificada. Uma estratégia recentemente utilizada por empresas com excepcional dificuldade econômica, e inscritas na dívida ativa, é a de pleitear um plano de amortização de débitos federais, mediado pelo Negócio Jurídico Processual – NJP. Ademais, são muito os tipos de planejamento tributário e a escolha dependerá das necessidades específicas da organização. Dentre eles existem o de curto prazo, que geralmente são feitos anualmente, para atender a metas anuais, e os de longo prazo, em que se faz por um longo período de tempo para atender a metas e objetivos específicos.

Diante do cenário atual, compreender a relevância do planejamento tributário na estratégia empresarial pode garantir um estado de alerta constante e significativo para o desempenho dos negócios. Ademais, é possível mitigar situações de risco tributário ao reconhecer a probabilidade de aproveitamento de créditos fiscais como forma de garantir a conformidade fiscal e ampliar a competitividade dos negócios. Sendo assim, eu diria que não se deve ter medo da tributação, pelo contrário, o planejamento tributário poderá te ajudar a ter um bom funcionamento do planejamento financeiro. Por meio dele será possível evitar os aborrecimentos legais, decorrentes da não conformidade tributária, e te ajudará a direcionar a receita tributável para seus planos de investimento.

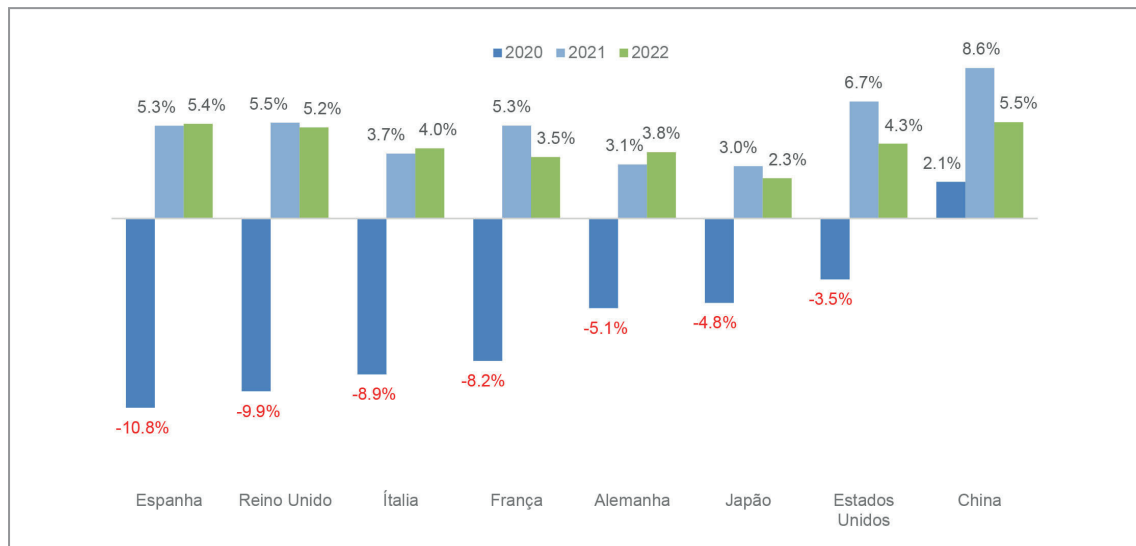
PANORAMA INTERNACIONAL

O Gráfico 1 apresenta as estimativas do Euromonitor das taxas de crescimento do Produto Interno Bruto de alguns países selecionados, para o ano de 2020 e previsões para 2021 e 2022. Após um ano marcado por uma crise sanitária e no sistema de saúde global, trazendo uma forte queda da atividade econômica em decorrência dos efeitos negativos causados pela pandemia da Covid-19, nota-se que a grande maioria das economias, com exceção da China, tiveram um crescimento negativo do seu PIB. Dentre os países listados, em primeiro lugar está a China, com um crescimento de 2,1% em 2020, seguidos dos Estados Unidos (-3,5), Japão (-4,8%), Alemanha (-5,1%), França (-8,2%), Itália (-8,9%), Reino Unido (-9,9%) e por último a Espanha, com uma retração do PIB de -10,8%.

Com grandes estímulos fiscais e uma perspectiva otimista em relação ao crescimento mundial, ditado em grande parte pelo ritmo acelerado das vacinações, há uma visão de crescimento e de retomada econômica de todos os países analisados no gráfico, tanto para o ano de 2021 como para 2022. Destaque para a previsão de crescimento em 2021 para os Estados Unidos de +6,7% e para a China de +8,6%.

Diante disso, vale ressaltar que tais projeções dependem da retomada da economia mundial. Por isso a importância de se observar o plano de vacinação pelo mundo e a forma com que os governos desses países executam as medidas necessárias para a recuperação das suas economias.

Gráfico 1 – Variação do PIB Real (%) – Países selecionados – 2020 a 2022.

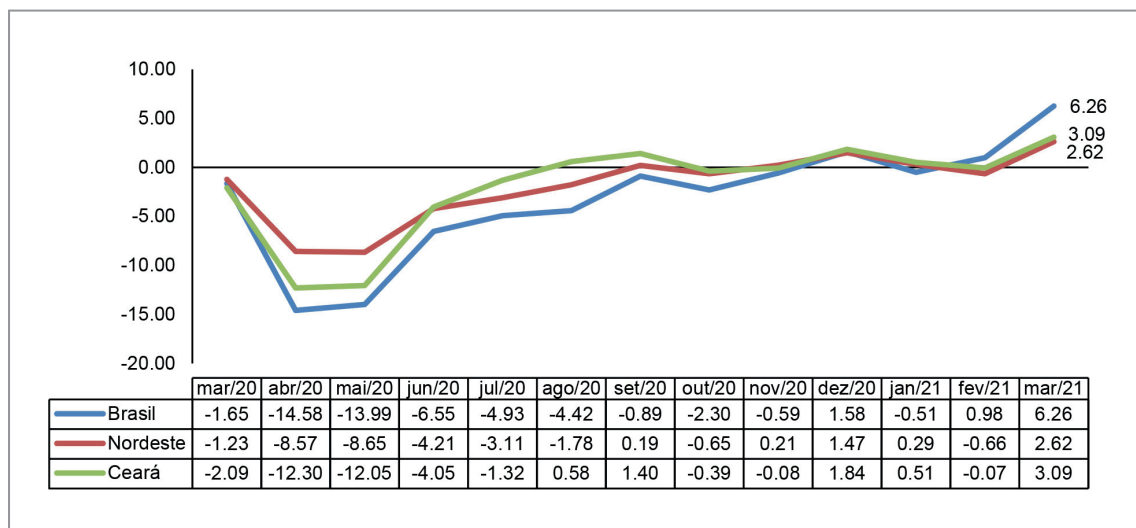


Fonte: Euromonitor/Macro Model Euromonitor Baseline - Atualizado em 06/05/2021.

A ATIVIDADE ECONÔMICA NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Com base na análise do Gráfico 2, é evidente os efeitos negativos da pandemia na economia brasileira a partir de março de 2020. É possível verificar que a partir do mês de junho de 2020 há um processo de reaquecimento da economia após um relaxamento das fortes medidas de isolamento social impostas nos meses de abril e maio de 2020. Mesmo com o início de uma segunda onda da Covid-19 verificada em março de 2021, a retomada do crescimento é observada com mais intensidade para o Brasil (+6,26%), seguido do Ceará (+3,09%) e Nordeste (+2,62%), decorrentes das restrições econômicas que foram bem menos intensas, quando comparado com as impostas para o mesmo mês do ano de 2020. Com o início desta retomada mais forte, espera-se que a atividade econômica do Brasil, no ano de 2021, recupere todas as perdas econômicas ocorridas no ano de 2020.

Gráfico 2 – Crescimento mensal (%) do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC) – mês contra mesmo mês do ano anterior – Brasil, Nordeste e Ceará – mar/20 a mar/21.



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB). Elaboração: NUPE/UNIFOR.

O Setor Agrícola

Segundo as estimativas do Conab geradas em maio de 2021, a produtividade nacional apresentou crescimento de +1,6%, aumentando a produção total das culturas de soja, milho, arroz, feijão e algodão para 271,6 milhões de toneladas na safra de 2020/2021, representando uma elevação de +5,7%, quando comparada com a safra de 2019/2020 (Tabela 1). Já na estimativa da área de produção, o Brasil apresentou elevação de +4,1% na comparação da estimativa da safra de 20/21 frente a safra de 19/20. Para a região Nordeste é estimada uma produção de 24,1 milhão de toneladas para a safra de 20/21, representando um aumento de +4,7% na comparação com a safra de 19/20. A produtividade na região tem estimativa de queda em -1,7% na safra de 20/21. Contudo, para a mesma safra, a variação na área produtiva foi positiva (+3,0%). A estimativa da produção total do Ceará é de 627,2 mil toneladas para a safra de 20/21, representando uma retração de -21,5% na comparação com a safra de 19/20, enquanto a variação da produtividade (-24%) ficou abaixo tanto da média nacional, quanto da região nordestina.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção de grãos – produtos selecionados (*) – safras 2019/20 e 2020/21 (**) – Brasil, Nordeste e Ceará.

REGIÃO/ UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %
Ceará	913,1	943,9	3,4	874,7	664,5	-24,0	798,7	627,2	-21,5
Nordeste	8.187,7	8.430,4	3,0	2.822,5	2.869,4	1,7	23.109,9	24.190,0	4,7
Brasil	65.924,6	68.620,4	4,1	3.898,6	3.959,4	1,6	257.016,2	271.696,9	5,7

Fonte: Conab. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale; (**) São estimativas geradas pelo Conab em maio de 2021.

O Setor da Indústria

De acordo com os dados da Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF) elaborada pelo IBGE, observa-se que, tanto no âmbito nacional, quanto no Ceará, houve uma recuperação considerável na atividade industrial para o acumulado do ano até março de 2021, registrando-se um crescimento de +4,4% no que se refere ao Brasil, e +6,5% no que se refere ao estado do Ceará. Esses resultados foram impulsionados pela Indústria de transformação, registrando um crescimento de +5,2% para o Brasil e +6,5% para o Ceará. A Indústria da região Nordeste foi na direção oposta, registrando uma queda de -6,1%, puxada pela retração de -5,8% na Indústria de transformação nordestina.

Em relação às atividades industriais de transformação no Brasil, os destaques estão em Máquinas e equipamentos (+21,3%), Produtos de fumo (+18,7%) e Produtos Têxteis (+18,3%). Já apresentando um avanço significativo no estado cearense destaca-se os Produtos Têxteis (+39,1%), ante +25,3% para o Nordeste e +18,3% para o Brasil. Nos destaques negativos, tem-se o segmento de Outros equipamentos de transporte exceto veículos automotores, que registrou uma retração de -15,5% no Brasil. Já Veículos Automotores, reboques e carrocerias, que apesar do resultado de +4,4%, nacionalmente, apresentou uma baixa de -49,8%, na região Nordeste, provocada, fundamentalmente, pelo fechamento da fábrica da Ford na Bahia. Também destacou-se negativamente a atividade de Coque, de produtos derivados de petróleo e biocombustíveis, com resultado de -2,9%, para o Brasil, -20,6%, no Nordeste e -10,3% no Estado do Ceará. Além desses segmentos, tem-se o de Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos com uma variação negativa de -9,1% no âmbito nacional.

Durante o início do período de retorno às atividades econômicas, em detrimento do isolamento social em decorrência da pandemia da covid-19, houve uma mudança no perfil de consumo das famílias, de forma que mesmo com a recuperação econômica, algumas atividades industriais apresentaram crescimentos distintos. Verificou-se, por exemplo, uma significativa diminuição do consumo na região Nordeste de bens não essenciais e com preços excessivamente caros para o mercado, como combustíveis, automóveis e seus agregados.

Tabela 2 - Variação (%) do volume de produção da indústria geral e das atividades industriais- Brasil, Nordeste e Ceará – Acumulado em 2021 ⁽¹⁾.

Atividades de Indústria	Brasil	Nordeste	Ceará
Indústrias de transformação	5,2	-5,8	6,5
Produtos alimentícios	-3,6	-7,7	-18,1
Bebidas	1,9	3,5	9,9
Produtos do fumo	18,7	-	-
Produtos têxteis	18,3	25,3	39,1
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	13,6	13,5	11,9
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	9,3	12,9	21,7
Produtos de madeira	14,0	-	-
Celulose, papel e produtos de papel	4,5	10,7	
Impressão e reprodução de gravações	17,4	-	-
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-2,9	-20,6	-10,3
Sabões, detergentes, produtos de limpeza, cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal	-1,8	-	-
Outros produtos químicos	6,9	13,4	31,6
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	1,7	-	-
Produtos de borracha e de material plástico	12,6	4,0	-
Produtos de minerais não-metálicos	17,2	14,5	21,0
Metalurgia	8,0	-3,3	-10,6
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	16,7	2,4	15,0
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	3,1	-	-
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	13,2	13,6	1,2
Máquinas e equipamentos	21,3	-	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	4,4	-49,8	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	-15,5	-	-
Móveis	14,7	-	-
Produtos diversos	8,3	-	-
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	-9,1	-	-
Indústrias extrativas	-2,1	-10,1	
Indústria geral	4,4	-6,1	6,5

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) Variação acumulada de janeiro/2021 a março/2021 (Base: igual período do ano anterior).

O Setor de Serviços

De acordo com a Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS) do IBGE, em relação à variação acumulada de janeiro a março de 2021, observa-se que o setor de serviços brasileiro apresentou uma retração de -0,8%. No tocante aos grupos de atividades que compõem este setor, o destaque positivo foi o grupo Serviços de informação e comunicação (+3,5%) seguido de Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (+1,7%) e Outros Serviços (+1,9%). Em direção oposta evidencia-se a forte retração no grupo Serviços prestados às famílias (-25,4%) e a queda em Serviços profissionais, administrativos e complementares (-3,1%). Tais declínios ainda são reflexos dos impactos da pandemia de Coronavírus, que vem afetando mais fortemente as atividades do setor de Serviços, decorrentes das medidas de isolamento social adotadas para minimizar a circulação do vírus.

Dentre as subatividades que registraram variações positivas, destacam-se aquelas ligadas ao setor de tecnologia e transportes, como Serviços de Tecnologia da Informação (+17,1%) e Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio (+9,6%).

Tabela 3 – Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades – Brasil e Estados selecionados – Acumulado em 2021 ⁽¹⁾.

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Serviços prestados às famílias	-25,4	-36,9	-16,7	-23,0
Serviços de alojamento e alimentação	-25,8	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	-23,3	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	3,5	-0,2	-4,6	-5,8
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	5,8	-	-	-
Telecomunicações	-0,7	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	17,1	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-13,5	-	-	-
Serviços profissionais, administrativos e complementares	-3,1	3,2	-5,7	-6,5
Serviços técnico-profissionais	5,4	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	-6,1	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	1,7	-6,0	-11,1	-9,0
Transporte terrestre	0,6	-	-	-
Transporte aquaviário	7,4	-	-	-
Transporte aéreo	-26,6	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	9,6	-	-	-
Outros serviços	1,9	-18,3	-1,2	-5,8
Total	-0,8	-7,7	-8,5	-9,8

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Notas: (1) Variação acumulada de janeiro/2021 a março/2021 (Base: igual período do ano anterior). (2) O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

Com relação aos estados nordestinos analisados pela PMS, o Ceará apresentou uma queda de -7,7% no acumulado do ano até março de 2021, enquanto Pernambuco e Bahia registraram retrações de -8,5% e -9,8%, respectivamente. Dentre os grupos de atividades das unidades federativas, seguindo a tendência nacional, os Serviços prestados às famílias foram os mais negativamente impactados, com Ceará (-36,9%) apresentando a maior queda, seguido por Bahia (-23,0%) e Pernambuco (-16,7%). Apenas Serviços profissionais, administrativos e complementares (+3,2%) do Ceará registrou desempenho positivo no período analisado.

Com a chegada da segunda onda de contaminações da Covid-19 no Brasil, registrada em março, o setor de serviços continua sendo o mais afetado, dado que em grande medida, depende do contato presencial entre vendedores e consumidores. Espera-se que a retomada de crescimento neste setor aos níveis da pré-pandemia possa ocorrer a partir do avanço do Programa Nacional de Vacinação.

A Atividade do Comércio

Sendo uma das atividades mais importantes do setor de serviços, o comércio é analisado de maneira separada, através da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE. De acordo com a métrica dessa pesquisa, o comércio varejista brasileiro no acumulado do ano até março de 2021, registrou um decréscimo de (-0,6%), tendo o estado do Ceará apresentado índice expressivamente negativo (-6,0%), devido, em boa parte, a medidas sanitárias impostas pelo Governo do Ceará. Já considerando o viés positivo, o estado de Pernambuco destaca-se com um crescimento de 3,1%, liderado pelo setor de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos com (37,6%), que teve sua demanda aumentada durante a pandemia, seguindo o setor de artigos de uso pessoal e doméstico com (26,4%). Já a Bahia obteve ótimos resultados no setor de móveis e eletrodomésticos (20,3%), setor pelo qual sempre se destacou. As expressivas retrações verificadas no setor de Tecidos, vestuário e calçados, em âmbito nacional (-18,2%) e nos estados analisados, também podem ser debitados na conta do isolamento social.

Tabela 4 - Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados – Acumulado em 2021⁽¹⁾.

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Comércio varejista	-0,6	-6,0	3,1	-2,9
Combustíveis e lubrificantes	-6,8	0,5	-0,6	-1,9
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-2,5	-4,8	-4,5	-9,3
Hipermercados e supermercados	-1,5	-4,1	-5,1	-6,1
Tecidos, vestuário e calçados	-18,2	-29,1	-9,6	-26,8
Móveis e eletrodomésticos	1,6	-3,6	-18,3	20,3
Móveis	5,3	0,0	-17,7	17,1
Eletrodomésticos	0,3	-8,2	-18,5	21,7
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	11,3	5,6	37,6	11,2
Livros, jornais, revistas e papelaria	-43,3	-50,7	-14,7	-51,7
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-7,9	5,0	-35,3	-18,5
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	12,8	-12,1	26,4	-0,1
Comércio varejista ampliado	1,4	-0,3	11,3	-0,7
Veículos, motocicletas, partes e peças	0,3	8,7	32,4	5,6
Material de construção	20,4	15,4	19,5	0,9

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) Variação acumulada de janeiro/2021 a março/2021 (Base: igual período do ano anterior).

O comércio varejista ampliado apresentou uma variação positiva (1,4%), novamente com destaque para o estado de Pernambuco com (11,3%), seguido pelo Ceará com (-0,3) e Bahia com (-0,7%). Notando-se que o setor de veículos, motocicletas, partes e peças obteve resultado positivo (0,3%), tendo destaque para o estado de Pernambuco (32,4%). Outro destaque é dado para o setor de material de construção com (20,4%), liderados por Pernambuco (19,5%), seguidos pelo Ceará (15,4%) e Bahia (0,9%).

Por fim, conclui-se que a liderança do setor de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos ainda é uma decorrência da pandemia da Covid-19, pelo qual teve seu volume de comercialização ampliados.

O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Conforme os dados apresentados pela pesquisa do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) em relação às movimentações do mercado de trabalho (Tabela 5), é possível verificar variações negativas nos saldos de empregos no Brasil, no Nordeste e no Ceará durante os meses de abril, maio e junho de 2020, revelando que apesar do aumento das admissões, os desligamentos, embora decrescentes, foram expressivos. No período de junho a novembro de 2020, o saldo torna-se positivo, ainda que, quanto ao Brasil e ao Nordeste, o saldo e a variação em porcentagem tornam-se novamente negativas em dezembro, passando a apresentar saldos positivos na geração de empregos a partir janeiro de 2021. O Ceará registra saldo negativo apenas em março de 2021.

As admissões superam as demissões no Brasil, no Nordeste e no Ceará no terceiro trimestre de 2020, ainda que com pequenas variações percentuais. Em julho do mesmo ano, as admissões no Brasil alcançam um total de 1.165,5 mil e finalizam o ano atingindo em dezembro 1.294,8 mil. O mesmo ocorre nos quatro primeiros meses de 2021 com as admissões superando os desligamentos especialmente no Brasil e no Nordeste. Os números se revelam positivos no segundo bimestre de 2020 e início de 2021, com a recuperação da atividade econômica e com o trabalho remoto, que em vários setores da atividade substituiu o trabalho presencial, o que garantiu a continuidade de muitas atividades econômicas, evitando um número maior de demissões enquanto as admissões são moderadas.

Em relação ao saldo acumulado do ano de 2021, constata-se saldos positivos no Brasil (957,9 mil), no Nordeste (88,6 mil) e no Ceará (20,0 mil). Os números tendem a permanecer positivos no restante do ano de 2021 em resposta à melhor dinâmica da economia decorrentes das ações do setor privado e do setor público.

Tabela 5 - Evolução mensal de admissões, desligamentos e saldo - Brasil, Nordeste e Ceará (mil pessoas) - abril/2020 a abril/2021(1)

Período	Brasil				Nordeste				Ceará			
	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%
Abr-20	658,3	1.622,0	-963,7	-2,45	79,3	229,1	-149,8	-2,38	13,0	48,7	-35,7	-3,08
Mai-20	758,5	1.132,1	-373,6	-0,97	93,5	152,9	-59,4	-0,97	14,8	26,3	-11,5	-1,02
Jun-20	955,6	985,7	-30,0	-0,08	115,8	121,2	-5,5	-0,09	19,4	22,2	-2,8	-0,25
Jul-20	1.165,8	1.028,4	137,4	0,36	150,8	126,1	24,6	0,40	27,9	22,1	5,8	0,52
Aug-20	1.311,2	1.068,0	243,3	0,64	193,1	133,5	59,6	0,98	34,9	23,6	11,3	1,01
Set-20	1.459,1	1.139,7	319,4	0,83	229,3	139,3	90,0	1,46	38,0	25,9	12,1	1,07
Out-20	1.626,6	1.234,2	392,4	1,01	219,8	150,8	68,9	1,10	43,9	28,1	15,8	1,39
Nov-20	1.610,4	1.211,8	398,6	1,02	214,8	147,0	67,8	1,07	40,6	25,8	14,8	1,28
Dez-20	1.294,8	1.404,5	-109,6	-0,28	170,8	176,4	-5,5	-0,09	30,6	28,1	2,5	0,21
Jan-21	1.616,8	1.355,4	261,4	0,66	211,2	184,1	27,1	0,42	41,1	33,6	7,5	0,64
Fev-21	1.759,7	1.361,5	398,2	1,00	221,9	183,5	38,3	0,60	44,2	32,8	11,4	0,96
Mar-21	1.648,2	1.470,9	177,4	0,44	203,4	200,0	3,4	0,05	35,3	37,4	-2,1	-0,18

Abr-21	1.381,8	1.260,8	120,9	0,30	176,2	156,4	19,7	0,31	30,4	27,1	3,3	0,28
Acumulado do Ano	6.406,5	5.448,6	957,9	2,43	812,6	724,0	88,6	1,39	151,0	131,0	20,0	1,71
Acumulado dos últimos 12 meses	16.588,5	14.652,9	1.935,6	5,04	2.200,5	1.871,4	329,0	5,35	401,2	333,2	68,0	6,04

Fonte: Novo Caged – SEPRT/ME. Elaboração: NUPE/UNIFOR

Notas: (1) Dados do Novo Caged com ajuste para 2020 e 2021. (2) A variação mensal do emprego toma como referência o estoque do mês anterior, sem ajustes.

O COMÉRCIO EXTERIOR NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Os dados apresentados na tabela 6 permitem analisar o posicionamento do comércio exterior em 2021, no mês de abril, acumulado do ano até abril de 2021 e no acumulado dos últimos 12 meses, comparados com o mesmo período de ano passado, tanto para o Brasil, como também para o Nordeste e Ceará. No acumulado do ano nota-se que as exportações brasileiras apresentaram uma elevação significativa de 25,0%. Nas importações o crescimento foi menor, 12,6%, enquanto a corrente comercial cresceu 19,2%. Já o saldo comercial, registrou um forte crescimento de +103,7%, gerando um superávit de US\$ 18,2 bilhões.

Em relação ao acumulado do ano para o Nordeste, as exportações apresentaram um aumento de 19,2%, as importações cresceram 10,2% e a corrente comercial registrou expansão de 13,7%. Sendo assim, o saldo comercial apresentou um déficit de 1,3 bilhões. Já para o acumulado do ano no Ceará, verifica-se queda nas exportações (-3,8%), aumento nas importações (+18,2%) e expansão da corrente comercial (+13,7%). Por fim o saldo comercial registrou uma forte variação negativa de -120,9%, implicando em um déficit de US\$ 322 milhões.

Tabela 6 - Volume de exportações, importações, saldo e corrente da balança comercial (R\$ milhões) – Brasil, Nordeste e Ceará ⁽¹⁾

País / região e estado	Exportações		Importações		Saldo		Corrente Comercial	
	US\$ Milhões	Var. %	US\$ Milhões	Var. %	US\$ Milhões	Var. %	US\$ Milhões	Var. %
Brasil								
Abril de 2021	26.481	50,5	16.132	41,1	10.349	67,9	42.612	46,8
Acumulado do Ano	82.117	25,0	63.879	12,6	18.238	103,7	145.995	19,2
Acumulado 12 meses	225.605	3,4	165.928	-9,3	59.677	69,3	391.533	-2,4
Nordeste								
Abril de 2021	1.053	68,3	1.120	68,9	-67,0	78,9	2.173	68,6
Acumulado do Ano	3.010	19,2	4.347	10,2	-1.337	-5,8	7.357	13,7
Acumulado 12 meses	8.756	1,5	10.814	-20,8	-2.058	-59,1	19.569	-12,2
Ceará								
Abril de 2021	220	73,3	222	41,6	-2,7	-91,1	442	55,7
Acumulado do Ano	655	-3,8	976	18,2	-322	-120,9	1.631	13,7
Acumulado 12 meses	1.828	-17,6	2.564	2,0	-736	-150,1	4.392	-7,2

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

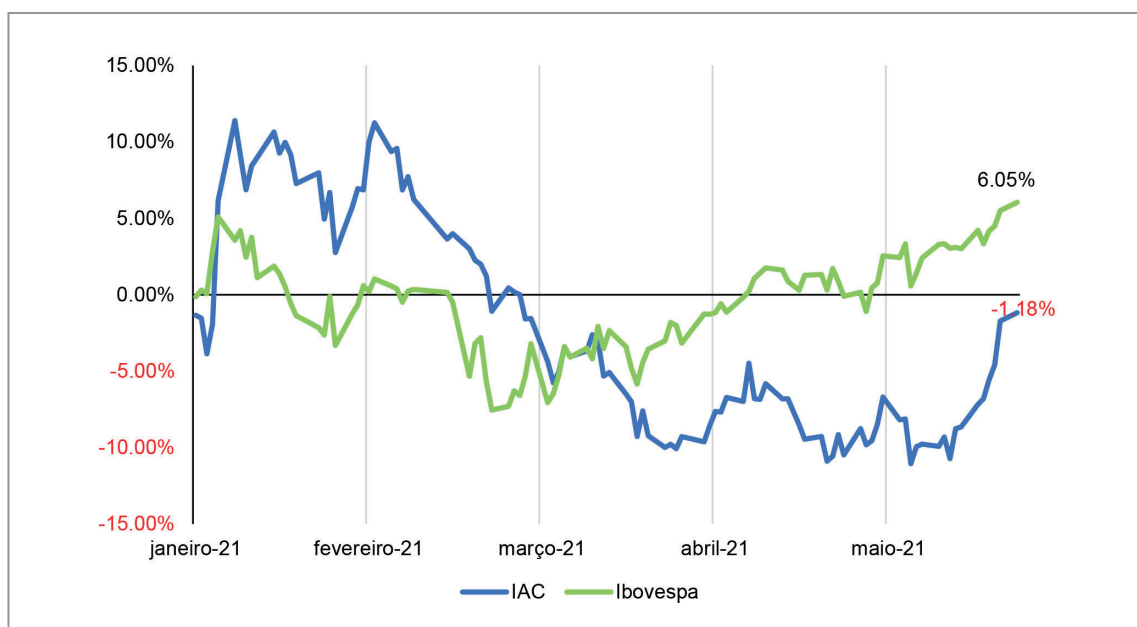
Nota: (1) Acumulado do ano de janeiro/2021 a abril/2021, enquanto as variações são comparadas com o mesmo período de 2020.

ÍNDICE DE AÇÕES CEARENSES (IAC)

Conforme o Gráfico 3, o Índice de Ações Cearenses (IAC), que mede o comportamento das ações das empresas cearenses registradas em bolsas de valores, finalizou os cinco primeiros meses do ano com queda (-1,18%), enquanto o Ibovespa se manteve em alta (+6,05%). Pode-se constatar que desde o início de fevereiro de 2021, o IAC apresenta uma tendência de queda, registrando retornos acumulados negativos a partir do mês de março, enquanto o Ibovespa apresenta uma certa estabilidade, porém, com retornos acumulados negativos desde o começo de fevereiro. Entretanto, o índice Ibovespa obteve uma recuperação no final do mês de abril, ultrapassando a faixa dos 120mil pontos.

Esse cenário de instabilidade das empresas cearenses, se deve pelo fato que a maior parte delas ainda detém altas atividades no Estado do Ceará, que por sua vez, tem sido bastante prejudicado economicamente durante a pandemia, por consequência das medidas de isolamento social.

Gráfico 3 – Retorno diário do IAC e do Ibovespa – maio de 2021.



Fonte: Yahoo Finance. Elaboração: Nupe/Unifor.

Depois de três meses, o desempenho médio de ações das empresas cearenses em bolsas de valores, apresentaram alta. O levantamento apontou que, em maio, a média dos papéis assinalou um crescimento de +10,39%. A lista de ativos inclui as ações da Arco Educação (Nasdaq), Banco do Nordeste, Enel Ceará, Grendene, Hapvida, M. Dias Branco, Pague Menos, e Aeris.

Apesar da alta de mais de +10% em maio, o IAC ainda acumula resultado negativo em 2021, registrando um encolhimento de -1,18%. Resultado bem inferior ao crescimento de +6,05% do Ibovespa para o acumulado do ano de 2021.

Alguns dos destaques positivos no retorno mensal foram as ações da Grendene (+24,24%) e da Pague Menos (+23,54%), elevando a média do IAC. Já Hapvida (+11,11%), M. Dias Branco (+10,03%) e Arco Educação (+9,57%) também tiveram resultados acima do IAC, consequentemente ficando acima do Ibovespa também (Tabela 7).

Tabela 7 - Retornos do Ibovespa e das empresas contidas no IAC – maio de 2021.

Tickers	Retorno mensal (%)	Retorno acumulada no ano (%)	Retorno acumulado dos últimos 12 meses (%)	Participação mensal (%)
Ibovespa	6,16%	6,05%	44,41%	-
IAC	10,39%	-1,18%	5,65%	100,00%
GRND3	24,24%	21,12%	39,81%	5,85%
PGMN3	23,54%	31,49%	28,91%	4,08%
HAPV3	11,11%	4,85%	45,83%	46,98%
MDIA3	10,03%	-14,00%	-18,93%	5,94%
ARCE	9,57%	-17,74%	-42,25%	21,21%
AERI3	5,56%	-5,00%	42,86%	5,23%
BNBR3	-0,49%	-8,43%	-10,10%	3,86%
COCE5	-0,78%	-5,08%	10,58%	3,17%
COCE3	-2,23%	-10,44%	75,30%	3,67%

Fonte: Yahoo Finance. Elaboração: Nupe/UNIFOR.

* Data de referência: 31 de maio de 2021.

** Retornos ajustados a dividendos e desdobramentos.

Autores:

Alysson Inácio de Oliveira
Amanda Viana Bessa Luz
Catherine dos Santos Rodrigues
David Kinelski Chaves Oliveira
Gabriel Torquato Batista
Gabrielle Ban Bacarin
Juliana Almino de Saboia
Lorena Sales de Oliveira
Lucas Uchoa de Oliveira
Ricardo Cavalcante Sátiro Filho
Yargo Nobre Castelar

